

CONSULTA PÚBLICA SOBRE A INSTALAÇÃO DE CONTADORES INTELIGENTES DE ELECTRICIDADE E GÁS NATURAL

INTRODUÇÃO

A Galp Energia (GE) agradece o lançamento da Consulta Pública sobre a Instalação de Contadores Inteligentes de Electricidade e Gás Natural, de acordo com o previsto nos DL 77/2011 e 78/2011, de 20 de Junho, que concretizaram a transposição da 3ª Directiva Europeia da Energia.

São conhecidas as nossas enormes reservas à instalação destes equipamentos no SNGN, atendendo ao perfil nacional de consumo do Segmento Doméstico que, comparativamente com outros países europeus, se caracteriza por baixos consumos específicos e reduzido peso no mercado total (inferior a 10%). A esta questão acresce a situação não resolvida, e que tem merecido a nossa permanente contestação, de não consideração pela ERSE do investimento nos contadores para fins de remuneração do activo, o que alterou objectivamente as condições dos Contratos de Concessão celebrados pelo Estado com as distribuidoras. Será assim auto-explicativo que, mesmo sem as questões referidas associadas à racionalidade económica do investimento, as empresas assumam a sua indisponibilidade para qualquer investimento sem uma garantia de adequada remuneração.

Os nossos comentários apresentados de seguida foram divididos em duas secções, de modo a apresentar a visão da GE enquanto Distribuidora e Comercializadora. Naturalmente, no que respeita às actividades de Distribuição, as nossas respostas focam-se no Sector do Gás Natural, em que as ORDs da GE têm actividade. No que respeita à Comercialização, tendo a GE iniciado recentemente a sua actividade no SEN, apresentamos a nossa apreciação nas duas vertentes.

Notamos contudo que, mesmo admitindo alguma racionalidade superior na utilização destes equipamentos no sector eléctrico, terá sempre de ser resolvida a questão do financiamento dos equipamentos, a qual não pode ser deixada ao distribuidor sem qualquer compensação. Igualmente, consideramos que não se deveria optar por cenários de substituição massiva, com a consequente criação de custos afundados, pelos equipamentos que não seriam totalmente amortizados, e que se deveria aproveitar a oportunidade para desenvolver parcerias/programas com a indústria nacional, não apenas numa lógica de criação de novos negócios, mas também para minimizar importações que teriam um efeito pernicioso na balança comercial e seriam de todo incoerentes com a actual política económica.

Finalmente, e na sequência do discutido no parágrafo anterior, um ponto que nos parece fundamental tem a ver com a correcta alocação dos custos induzidos por um eventual programa de investimentos em contadores inteligentes. Como resulta dos próprios documentos que instruem a Consulta Pública, a esmagadora maioria dos custos induzidos será provocada pelo segmento doméstico, responsável por mais de 99% do total dos contadores. A GE tem defendido sempre a inexistência de subsídias cruzadas, seja entre segmentos de mercado, seja entre infraestruturas. Neste sentido, a opção por algum programa de instalação de contagem inteligente deve pressupor a correcta identificação e alocação dos custos gerados, de modo a evitar distorções ao mercado, prejudicando a competitividade da economia. Nota-se que os custos totais anuais provocados pela instalação de contadores inteligentes em todos os clientes domésticos do País serão da ordem de algumas dezenas de milhões de euros (remuneração de capital, amortização e custos operacionais) e não poderão deixar de ser suportados por esse segmento de mercado que, de acordo com o estudo, será quem beneficia da mesma instalação.

DISTRIBUIDORES

Q1. Como avalia a metodologia e os pressupostos considerados nas análises custo-benefício?

Q5. Como avalia os valores considerados para os parâmetros utilizados (ex.: custos dos contadores, custos das comunicações, redução de consumo considerada, etc.) nas análises efectuadas?

Nota prévia: Optamos por facilidade de exposição, por responder às duas questões de forma conjunta

No que respeita à análise efectuada para o Gás Natural, chamamos a atenção para o seguinte, a respeito dos pressupostos:

- Admite-se um crescimento médio do número de contadores de cerca de 2,5%, por ano, a partir de 2013. Este valor aparenta ser bastante ambicioso, uma vez que por um lado não é de admitir que seja conseguido à custa de novas ligações; por outro, é de destacar que o sucesso da realização de conversões e de reconversões de consumos está dependente do valor suportado pelo cliente, cuja tendência nos parece ser de aumento, o que limita as adesões.
- Admite-se um crescimento do consumo anual per capita de 0,5%. A tendência actual real é de diminuição.
- Consideramos que a adopção de factura electrónica será acima de tudo induzida pela maior penetração da internet, questionando o pressuposto de que a mesma será potenciada pela introdução de contadores inteligentes.
- A metodologia em causa prevê a redução do número de operações locais, com a introdução de contadores inteligentes. Em particular, referem-se operações de corte e abertura de gás. Entendemos que, por razões de segurança, estas operações não deverão ser realizadas sem a presença de um técnico, com excepção de condições particulares que deverão ser claramente definidas em legislação. Assim, cenários que incluam esta possibilidade, serão sempre teóricos. Chamamos a atenção para o facto de em França esta questão ter sido decisiva, no sentido de proibir a abertura remota de gás.
- Consideramos, que, contrariamente ao exposto no documento, a adopção de contadores inteligentes não tem qualquer impacto a nível de perdas técnicas, seja em rede de distribuição, seja em rede de transporte, uma vez que as mesmas não são induzidas pelos equipamentos de contagem.
- Consideramos que, contrariamente ao exposto no documento, não é expectável qualquer tipo de economia (ainda que residual) a nível de investimentos em armazenamento ou transporte..

- A análise efectuada refere um custo de instalação de contador inteligente de cerca 20€/contador. Questiona-se se este custo prevê alguma visita prévia de recenseamento do parque de contadores de gás e eléctricos, tendo em conta a identificação das condições da sua instalação. Em particular, questiona-se se os cenários de *multi-utility* prevêm esta visita, uma vez que a localização relativa de ambos os equipamentos poderá determinar a adopção no terreno de diferentes soluções de ligação entre os dois tipos de equipamento. Importa perceber, também, até que ponto este custo está já afectado de eventuais constrangimentos e falhas de marcação, em particular nas circunstâncias em que os contadores estão dentro dos fogos.
- Para efeitos de contabilização de benefícios, identifica-se como sendo o principal para o ORD a redução de custos de leituras, valorizada a cerca de 0,30€/leitura. Actualmente verifica-se uma tendência para a redução deste valor, sendo que um valor mais realista, será de 0,25€ - valor majorado.
- Custo de substituição de baterias com funcionalidade avançada – 1,45€/ano/contador. Este valor apenas incluirá o custo da própria bateria, não considerando todos os custos associados à deslocação, lembrando-se em especial o caso da cidade de Lisboa, em que a instalação do contador no interior da habitação leva a ser frequentemente necessário mais do que uma visita. Assim, este valor será muito mais na ordem dos 20€/ano/contador, leia-se um custo próximo dos 20M€/ano para o SNGN, não considerado no estudo.

Q2. Como avalia os cenários submetidos a análises custo-benefício?

Q3. Os cenários estudados cobrem as principais alternativas a considerar tendo em conta a realidade portuguesa?

Nota prévia: Optamos por facilidade de exposição, por responder às duas questões de forma conjunta

Somos da opinião que os cenários apresentados, os quais são bastante abrangentes, vêm confirmar não existir viabilidade económica associada à implementação de contagem inteligente em especial no SNGN, por substituição dos contadores tradicionais.

As funcionalidades destes últimos têm-se demonstrado mais do que adequadas para a operação e gestão do sistema, parecendo-nos que o lançamento de campanhas envolvendo investimentos elevados - e, frisamos sempre, sem garantia de recuperação no quadro legislativo/regulatório actual – desaconselham em absoluto a realização dos mesmos.

Q4. Como avalia a lista de funcionalidades considerada para os contadores inteligentes de electricidade e de gás?

Sugerimos que seja considerada como funcionalidade base, no caso dos contadores de gás, a deteção de violação do contador e de fraude.

Q6. Considera que a abordagem *multi-utility* deve ser assegurada para o futuro?

A abordagem *multi-utility* deverá depender, não só da viabilidade de instalação de contagem inteligente nas diversas *utilities*, mas também de uma análise mais aprofundada dos impactos técnicos e custos associados à partilha de um canal comum de informação, dada a realidade portuguesa. Desde logo, é de notar que existe uma heterogeneidade na disposição dos contadores uns em relação aos outros. Apenas a título de exemplo, se em determinados casos, estão fisicamente próximos, noutras situações é possível encontrar contadores de gás junto a cada fogo, ou no piso, enquanto os contadores eléctricos poderão estar em bateria no rés-do-chão, o mesmo sucedendo com os contadores de água (no caso de se tentar uma análise ainda mais alargada).

Tomando por exemplo a solução holandesa, constante do relatório 2 E/G, o método de comunicação entre os contadores requer uma ligação física entre equipamentos de contagem, o que pressupõe a sua proximidade. Da leitura efectuada, não foi possível perceber até que ponto a heterogeneidade de disposição de contadores eléctricos e de gás foi considerada para efeitos de cálculo de custos associados. Naturalmente, estas questões colocam mais reservas quanto à possibilidade de proceder a uma abordagem *multi-utility*, pela incerteza quanto à sua implementação.

Deste modo, a falta de uma análise, mesmo que minimalista, sobre as características do parque habitacional existente, em termos da localização geográfica dos contadores nos imóveis, para avaliar de efectiva possibilidade de abordagem *multi-utility* alargada, parece-nos uma falha do estudo.

Q7. Considera que os contadores de electricidade devem dispor de uma porta *multi-utility* que permita no futuro vir a receber a informação de outros contadores inteligentes, de modo a possibilitar a utilização de um único sistema de comunicações para recolha remota de dados dos contadores?

Naturalmente, e não obstante o reforço da consideração expressa anteriormente de que os cenários analisados confirmam não existir viabilidade económica associada à implementação da solução de contagem inteligente no gás natural, esta opção poderia ser considerada caso se perspectivasse a introdução de contadores inteligentes em outras *utilities*.

Frisamos, no entanto, que consideramos que apenas no caso de se verificar que o custo marginal de instalar uma porta *multi-utility* no contador de electricidade é efectivamente muito reduzido face aos restantes investimentos e custos, nos parecerá razoável a sua inclusão, mantendo assim em aberto uma opção para o futuro. Com efeito, uma instalação onerosa de disponibilidades adicionais, para um eventual acoplamento a outras *utilities*, cenário cuja racionalidade económica é actualmente mais do que discutível, configuraria antes o desenvolvimento de situações “já agora”, o que nos parece de todo de evitar, até pela presente situação económica, em que qualquer investimento deverá ser cuidadosamente ponderado em termos de custo-benefício.

COMERCIALIZADORES

Q4. Como avalia a lista de funcionalidades considerada para os contadores inteligentes de electricidade e de gás?

A possibilidade de extensão da implementação de contadores pré-pagos ao gás natural não foi estudada. Admitindo-se que a extensão dos benefícios para esta energia seja semelhante à que se identifica para a eletricidade, sugere-se alguma concretização desta situação, ressalvando contudo o diferente impacto nas previsões de consumo doméstico nos dois segmentos.

Os contadores pré-pagos poderão constituir uma alternativa interessante na óptica do Cliente, dada a capacidade que aportam na gestão eficaz dos custos de utilização e na possibilidade de se configurarem tarifários específicos. Por outro lado, trata-se de uma tecnologia madura, com forte implementação em mercados comercialmente dinâmicos, e cuja curva de aprendizagem tecnológica encerra riscos inferiores aos contadores inteligentes.

Q6. Considera que a abordagem *multi-utility* deve ser assegurada para o futuro?

O estudo aponta para a possibilidade de opção por abordagem *multi-utility*, utilizando o contador de electricidade como “receptor” e emissor dos dados de consumo dos outros serviços (gás natural, água...). Sem prejuízo de se aceitar que para a electricidade existem algumas vantagens potenciais, e reconhecendo mesmo algum *drive* tecnológico que provavelmente levará à mudança para contagem inteligente no médio prazo, considera-se que uma abordagem deste tipo apenas deverá ser considerada se para cada serviço individualmente se justificar a contagem inteligente.

Caso contrário, o encarecimento do sistema eléctrico, quase numa lógica de que “faz-se o investimento primeiro e procuram-se utilizações depois”, apenas contribuirá para prejudicar a *performance* do SEN, aumentando-lhe os custos, e este desenvolvimento errado ainda poderia ser inadequadamente aproveitado para justificar posteriormente investimentos no SNGN que não tinham mérito económico e não passariam a tê-lo nestas circunstâncias (os resultados dos cenários mistos apresentados nos estudos são por demais elucidativos...).

Consideramos que os resultados dos estudos indicam claramente que apenas no caso da eletricidade poderá haver uma relação custo-benefício positiva para o sistema e para os consumidores. Os contadores inteligentes de electricidade parecem conferir “poder” aos consumidores, oferecendo-lhes algum controlo sobre o uso de energia. Este “novo sistema” também irá transformar a relação entre as *utilities* e consumidor, pois passa de uma operação de sentido único para uma relação de colaboração com benefícios para ambos:

- Permite aos clientes ter uma maior informação sobre a sua energia consumida e os seus comportamentos;
- Estimula a inovação de novos serviços e ofertas podendo criar novos modelos de negócio no sector da energia.

A existência de um contador inteligente permite implementar tarifários evoluídos, permitindo que as utilities ofereçam aos seus Clientes a possibilidade de deslocar consumos, ou muito simplesmente que estes sejam informados dos custos incrementais da energia.

Porém, os contadores inteligentes permitirão o envolvimento de apenas uma parte dos consumidores enquanto participantes ativos no mercado da eletricidade. Os efeitos práticos da alteração de comportamentos não será igual e transversal a todas as tipologias de clientes, uma vez que a capacidade de mudar hábitos, de se envolver com equipamentos tecnológicos e de reduzir consumos de forma significativa, não é a mesma para o universo total dos consumidores em BTN. Numa perspectiva de aumento das exigências por parte dos consumidores, os contadores inteligentes poderão ajudar a educar o consumidor, promovendo serviços de gestão de energia e reduzindo os custos, no entanto esse impacto poderá não ser suficiente para viabilizar os custos a suportar com esta dinâmica.

Os comercializadores veem os contadores inteligentes como uma oportunidade para ganhar mais clientes através da diferenciação da oferta pela inovação, customizando os produtos e serviços a determinados segmentos de clientes, enquanto ao mesmo tempo, podem reduzir os seus custos comerciais.

Q9. Como avalia os impactes nas faturas de eletricidade decorrentes da instalação dos contadores inteligentes de eletricidade?

Num cenário de normal funcionamento de comunicações dos consumos entre os contadores e o operador de rede em que essa informação real de consumo é aplicada de forma consistente na faturação dos clientes, isso permitirá que seja evitado o recurso a estimativas de consumo e a sua consequente correção nas faturas seguintes. Por outro lado, quer os novos clientes quer os clientes com perfil de consumo marcadamente sazonal, poderão ter desta forma maior controlo sobre as faturas que pagam, podendo inclusive recorrer a algum tipo de ofertas em mercado que melhor satisfaçam o seu perfil de consumo.

Q10. Considera a instalação dos contadores inteligentes de eletricidade positiva para os consumidores?

Aparentemente sim. Desde logo porque parece permitir não apenas controlar os gastos com o consumo de eletricidade de uma forma mais racional, mas também porque permitirá que os consumidores tenham acesso a diferentes serviços de valor para além do fornecimento de eletricidade tradicional, que se resume a uma tarifa simples.

Em contrapartida, temos reservas ao referido no estudo que seja a simples instalação de contadores inteligentes que provoque necessariamente a redução de consumos, especialmente nos valores apresentados que nos parecem optimistas. Voltamos a chamar a atenção de que os efectivos ganhos com a redução de consumos, não serão iguais em todas as tipologias de consumidores, o que numa lógica de custo/benefício irá claramente prejudicar os clientes com menor potencial de ganho ou menor envolvência com esta dinâmica inovadora.